



INCENTIVO E PROMOÇÃO A LEITURA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO INSTRUMENTO PARA A ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS SURDAS NAS SÉRIES INICIAIS

DAYSE FONTES GONÇALVES
VERÔNICA DOS REIS MARIANO SOUZA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

RESUMO

Ao abrirmos um livro para contarmos uma história, levamos os pequenos espectadores ao mundo imaginário do faz de conta, onde essas crianças se transformam em rei, que luta contra dragões, em rainha má, em príncipe que vira sapo e em princesa que perde o sapatinho de cristal. A gênese de um leitor é algo que deve acontecer antes do período da alfabetização da criança, através da contação de histórias, dos livros sem texto, das cantigas de ninar, entre outros. Portanto, conforme essa linha de pensamento, o presente trabalho, propôs analisar as possibilidades de acesso à leitura das crianças surdas nos primeiros anos do ensino fundamental em uma escola da rede pública município de Aracaju/SE. Os resultados mostram o quanto o aluno surdo acabou se envolvendo e participando do processo, sendo um agente ativo, já que a linguagem utilizada no processo de contação de história e o foco das ações estavam voltados para facilitar sua compreensão.

Palavras-chaves: Contação de História; Alunos surdos; Educação inclusiva.

ABSTRACT

By opening a book to count a story, take the small audience to the imaginary world of make believe, where these children become king, who fights dragons in evil queen, a prince who turns frog and princess who loses shoe crystal. The genesis of a player is something that must happen before the child literacy period, through storytelling, of no textbooks, lullabies, among others. Therefore, according to this line of thinking, this study proposed to analyze the possibilities of access to reading of deaf children in the early years of elementary education in a public school in the municipality of Aracaju / SE. The results show how the deaf student became involved and participating in the process, and an active agent, since the language used in the process of story-telling and the focus of action were aimed to facilitate their understanding

Keywords: Story-history; Deaf students; Inclusive education.

INTRODUÇÃO

Frequentemente encontramos-nos percorrendo caminhos traçados pela leitura, hora seja por prazer, hora por necessidades, obrigações, divertimento ou puro passa tempo. Diante desses fatos, podemos alegar que a leitura é algo vital para edificação de conhecimentos e para construção do intelecto do ser humano. Vivemos em uma sociedade “*grafocêntrica*” onde as pessoas utilizam a leitura no seu cotidiano para ler a indicação de uma rua, se localizar, tomar um transporte coletivo, ler listas, bulas, instruções. Estamos imersos em situações de leitura cotidianamente.

Levando em apreço que a escola tem como uma de suas principais funções a formação do sujeito leitor, é indispensável, que ela forneça possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura. Segundo Frants (2011) a literatura está agindo no sentido da humanização do indivíduo, ampliando a sua capacidade de pensar, sentir e interagir nas relações sociais de seu tempo.

A gênese de um leitor é algo que deve acontecer antes do período da alfabetização da criança, através da contação de histórias, dos livros sem texto, das cantigas de ninar, entre outros. No período do letramento as informações vindas dos livros contribuem para ampliação do vocabulário, para o desenvolvimento da autonomia de pensamento, para a aquisição de conhecimento e para dar asa à imaginação.

A leitura é uma atividade fundante nas séries iniciais; é nesse período que a pessoa vai adquirir o gosto ou o desgosto pela leitura. De acordo com Cassiano (2009, p. 34) “a infância é o melhor momento para iniciar o processo de estímulo à leitura, motivando as crianças desde cedo a criar hábitos de ler por prazer”. Diante disso, o educador assume um papel de grande relevância, pois cabe ao mesmo apresentar a literatura infantil de forma apaixonante, despertando assim, o gosto pela leitura.

Nesse contexto, as atividades de letramento, em inúmeras instituições de ensino acabam provocando o desgosto pela leitura, devido à falta de técnicas, instrumentos, ou mesmo, professores preparados para atendê-los, no caso, as crianças portadoras de deficiência a situação é mais crítica.

Com o advento da inclusão, que garante aos alunos deficientes o ingresso na escola regular, hoje se tornou um grande desafio para os educadores, que receberam a missão de buscar novas estratégias para facilitar o aprendizado desses alunos. Para Vygotsky (1989, p.147), “o educador precisa compreender que tem um papel importante para o desenvolvimento cultural da criança, e quando lhes são proporcionadas situações novas de aprendizagem, as crianças acrescentam algo novo na sua própria cultura”.

Constantemente são apontadas dificuldades no trato com a leitura entre alunos ditos “normais”, quando se trata de alunos que apresentam algum tipo de deficiência, oriundos de outras culturas e linguagens, como é o caso das pessoas surdas, as complexidades são incalculáveis. Esses alunos por diversas vezes, encontram-se sem acesso aos conceitos, informações e histórias construídas socialmente por conta do bloqueio linguístico, sendo comumente moldados à cultura dos ouvintes para que não sofram segregação.

Além disso, o deficiente auditivo precisa de atendimento diferenciado na sua formação, pois para que alcance a proficiência na língua portuguesa, que opera como segunda língua (L2) e cumpra com as exigências do ensino regular na alfabetização, o mesmo precisa aprender sobre sua língua materna (L1) que é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais).

Como afirma Martins (2005) a educação bilíngue, além de tornar acessível a língua de sinais e a língua oral, proporciona ao surdo um desenvolvimento cognitivo linguístico equivalente ao verificado na criança ouvinte e consequentemente pode desenvolver uma relação harmoniosa com ouvintes. Diante do exposto, faz-se o seguinte questionamento:

Como a leitura é trabalhada com os alunos surdos? As crianças surdas têm acesso à literatura infantil? Em caso positivo, de que modo? Existem projetos que incentivem a leitura do aluno surdo no ensino fundamental?

Portanto, conforme essa linha de pensamento, o presente trabalho, propõe analisar as possibilidades de acesso à leitura das crianças surdas nos primeiros anos do ensino fundamental em uma escola da rede pública município de Aracaju/SE.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar o objetivo proposto acima, o presente trabalho adotou a abordagem qualitativa através da pesquisa ação. Segundo ENGEL (2000) o método pesquisa ação consiste em uma pesquisa interferente, objetivando expandir o conhecimento e melhorar o entendimento da mesma.

O campo empírico da pesquisa em estudo refere-se a instituição da rede pública de Aracaju-Se, uma escola da rede Municipal que darei o pseudônimo de “Amarela”. O critério de escolha dessa instituição se deu por se tratar de uma referência no atendimento aos alunos surdos em Aracaju.

Os dados foram coletados através de observação e entrevista com um professor de cada instituição, com uma intérprete que atua sincronicamente com a professora da escola “Amarela” e com um aluno da referida instituição. Além disso, ocorreu uma análise sobre o ambiente de ensino, em que os alunos surdos estão inseridos, sua rotina e atividades de leitura trabalhadas em sala. Para LAKATOS (1992, p.107) “A observação utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

Por outro lado, a entrevista, tendo em vista a sua maleabilidade e o fornecimento de informações mais completas, extraídas diretamente da “fonte” que é o entrevistado. Ainda de acordo com LAKATOS (1986, p.70) a entrevista é “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para coleta de

dados ou para ajudar num diagnóstico ou num tratamento de um problema social”.

Por fim, aplicar-se-á oficinas de contação de histórias onde os alunos participaram da confecção dos recursos para as contações, tais como fantoches dedoches e máscaras, feitos com materiais recicláveis, os alunos também serão motivados a participar do momento do conto, essas atividades serão registradas através de fotografias e filmagens.

Em seguida, deu-se a interpretação das informações obtidas no campo de estudo, por meio da tabulação e análise dos dados colhidos à luz do referencial teórico escolhido.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Fascínio da Literatura no Processo de Aquisição da Linguagem

“Entre duendes e fadas a terra encantada espera por nós, abra o seu coração... No nosso circo maluco, você é de tudo até super- herói, você é roda gigante, o anão, elefante, o índio ou Cowboy... embarque neste carrossel, onde o mundo do faz de conta, a Terra e quase o céu. (Música da abertura da novela Carrossel)”

Ao abrirmos um livro para contarmos uma história, levamos os pequenos espectadores ao mundo imaginário do faz de conta, onde essas crianças se transformam em rei, que luta contra dragões, em rainha má, em príncipe que vira sapo e em princesa que perde o sapatinho de cristal. Através do livro, a criança é levada a vários lugares sem sair do lugar, volta no tempo, vai até o futuro e faz novas descobertas. E o portal para chegar ao mundo encantado é o professor (contador de história).

O livro infantil é entendido “como uma “mensagem” (comunicação) entre um autor-adulto (o que possui a experiência do real) e um leitor- criança (o que deve adquirir tal experiência). Nessa situação, o ato de ler (ou ouvir), pelo qual se completa o fenômeno literário, se transforma em um ato de aprendizagem” (COELHO,2000, p.31, grifos da autora).

Para que a história desperte o encantamento pela leitura no aluno surdo, se faz necessário que o professor torne a história acessível, e isso se faz através da utilização de imagens, mímicas, expressões corporais, gestos, dramatizações, teatro de bonecos, marionetes, maquetes, entre outros visuais, desse modo, o aluno vai fazendo a leitura das imagens, interpretando os acontecimentos, começa organizar o pensamento e consequentemente a aprendizagem é gerada.

Quando o aluno ainda não tem o domínio da sua língua materna a LIBRAS, as histórias bem narradas, despertam o desejo, uma curiosidade para saber o que está escrito no livro, então o aluno vai sendo motivado a descobrir a sua língua e através dela chegar a língua escrita e oral. Agora quando os progenitores dessa criança são surdos, isso facilita o processo, ela é precocemente estimulada a usar a LIBRAS. “A linguagem permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir o que sente, registrar o que conhece e comunicar-se com outros homens. Ela marca o ingresso do homem na cultura” (MEC, 2006, p.32).

Ao professor cabe o esforço de tornar a leitura um hábito, algo prazeroso, satisfatório e vital, pois através da leitura, as máscaras caem, decisões são tomadas, abrem-se portas e principalmente portas para aprendizagem permanente, bem como nos ensinava Paulo Freire, o ato de ler é um ato de conquista à liberdade.

O Antônimo ao Fascínio - O Papel da Contação de Histórias no Processo de Alfabetização de Alunos Surdos

O primeiro ano da alfabetização é semelhante a uma sementinha, que para crescer, necessita de uma boa terra, água, luz e calor do Sol; Tudo isso resume-se em “dedicação”. Se aluno “semente” não encontra uma boa terra “professor”, os outros elementos não farão maior sentido e essa “semente” pode até germinar, mas infelizmente não passará de um brotinho pálido ou até mesmo desfalecido.

O desencanto pela leitura, acontece quando o professor utiliza a leitura de forma avaliativa. Geralmente o paradidático vem acompanhado de um questionário longo e cansativo, para alguns professores só é considerado um leitor, aquele aluno que foi capaz de responder as questões conforme o entendimento do autor. Outro ponto negativo acontece quando o aluno é muito tímido e o professor pede-lhe que faça a leitura em voz alta para toda a classe e em todo o momento a professora faz correções da sua entonação, acabando com a autoestima desse aluno.

A desconstrução do leitor não só acontece de forma avaliativa, chata e cansativa, mas também em forma de castigos, quando esse aluno apronta no momento da aula e seu castigo é ao invés desse aluno ir para o pátio brincar com os outros colegas, ele será encaminhado a biblioteca. Há professores que mantêm os livros intactos na estante, longe do alcance das crianças, com desculpas de que as literaturas só serão usadas quando todos possuírem competência e fluência na leitura.

Quando “a literatura infantil é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda cultura – a de “conhecimento do mundo e do ser”.” (Zilberman, 2003, p. 29). Segundo Esclarín (2005, p.7) “O ato de educar é um ato vital, de entrega para ajudar a construir ou resgatar vidas. Com a educação se tenta formar homens e mulheres que sejam capazes de viver em plenitude e com dignidade; assumindo com responsabilidade a sua condição de cidadão.”

A ideia de proporcionar todo tipo de leitura à criança surda é importante, porque é pela leitura que a criança pode conhecer objetos, seres humanos com características variadas, animais, e pode viver situações que lhes foram muitas vezes limitadas, devido à inacessibilidade de informações auditivas (Dorziat, 1999).

Entre as ferramentas que um professor pode buscar para ser trabalhada em sala de aula, que aproximem o aluno ao mundo letrado, podemos destacar a contação de história, levando-se em consideração que a criança é um ser naturalmente brincante, fecundo segundo Frants (2011) afirma que, “o mundo da arte é o que mais se aproxima do universo infantil, à medida que ambos falam a mesma linguagem simbólica e criativa”.

A contação de história é uma herança que vem desde os primórdios da humanidade, geralmente o primeiro contato de uma criança com a literatura provém das contações de histórias, que são passadas de gerações a gerações, vão-se os anos, tecnologias são inseridas no cotidiano, mas essa atividade permanece e encanta muitos.

Segundo Chaves (1963, p.10) “ela é o método intuitivo por excelência, o mais simples, o mais antigo e o mais eficiente na transmissão de verdades eternas de uma geração a outra geração”. Coelho (1991, p.12) acredita que “se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros”.

A Escolarização de Surdos em Sergipe

Em décadas posteriores, em várias cidades do estado, incluindo a capital, foram criadas algumas escolas, particulares ou públicas, entre as tais, algumas seguiam uma filosofia religiosa. Apesar de possuir uma quantidade relevante de surdos em todo o estado, não havia uma preocupação para a educação dos mesmos, na realidade, para não expor as famílias, os surdos viviam as escondidas, afastados da sociedade e eram tratados por médicos psiquiatras (SOUZA, 2007).

Os aracajuanos surdos, nos processos de interdição e curatela, eram reconhecidos, pela Justiça e pela Medicina, como idiotas, imbecis, incapacitados para o exercício de seus direitos, permanecendo sempre vinculadas à esfera doméstica de reprodução” (SOUZA, 2007, p. 112).

Após Tobias Rabello Leite, surgiram algumas iniciativas, como a do senador sergipano Carvalho Neto em 1921, onde criou um projeto de Lei nº 480/1921, propondo a abertura de instituições educacionais voltadas ao atendimento dos deficientes em todo país, mas não obteve êxito. Em 1950 foi criada o (SAME) Serviço de Assistência à Mendicância, a primeira escola de ensino voltado ao deficiente, de atendimento exclusivo ao cego, fundada pelo Bispo D. Fernando Gomes (SOUZA, 2007).

Durante o governo de Luiz Garcia, foi inaugurado o Centro de Reabilitação Ninota Garcia, no dia 24 de junho de 1962, terceira instituição do país e a primeira no estado a se dedicar a educação especial, uma escola bem estruturada, com bons equipamentos. Segundo Souza (2007), o centro disponibilizava de serviço médico, social, fisioterapia, terapia ocupacional, atendimento psicológico e orientação vocacional. Referente à área educacional, oferecia um jardim de infância, oficina de artes industriais, escola para surdos e para cegos (Op. cit.).

Três de suas professoras tinham especialização no INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) e a filosofia utilizada era oralista. A principal meta a ser alcançada, era em tornar o aluno surdo em um falante da língua oral. A comunicação por sinais era feita às escondidas. Os alunos do Ninota, não conseguiram concluir o ensino básico, porém, existia a troca de experiências entre pares. Segundo Souza (2007, p. 143) “A educação do surdo não era vista como um direito, mas como um ato de altruísmo, “a libertação daqueles que vivem à margem da vida”. Salvar o surdo significava torná-lo ouvinte”.

Passados uma década, foi fundada em 21 de janeiro de 1975, a primeira escola estadual a possuir classe especial, Escola de Primeiro Grau 11 de Agosto, possuía uma boa estrutura arquitetônica, alguns professores especializados no INES. A metodologia adotada era o oralismo e posteriormente passou a trabalhar com a comunicação total. Houve um aumento significativo nas matrículas, porém por semelhante modo, ao Ninota Garcia, os alunos não conseguiam concluir o ensino elementar (SOUZA, 2007).

Consecutivamente, foram criadas outras instituições: a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (APADA) e a Associação dos Surdos do Estado de Sergipe (ASES), na década de 1990, todos eles tornaram-se fluentes em

LIBRAS (SOUZA, 2007).

Em 1988 através do Artigo 208, inciso III, foi definido como dever do Estado, garantir o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. A partir desse Artigo, o deficiente adquiriu o direito ao ensino “igualitário”. (JUSBRASIL, 1988)

É evidente que ao longo do tempo, encontramos mudanças significativas, porém, carregadas de falhas, desde das condições de ensino, ao despreparo dos professores e demais envolvidos na educação inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A coleta de dados foi realizada em uma sala de alfabetização, precisamente, em uma sala do 1º ano do Ensino fundamental menor, pertencente a uma escola da rede pública municipal “Amarela”, situada em Aracaju-Se.

Escola Municipal “Amarela”

Situada na rua Arnaldo Dantas, 632, bairro Santo Antônio, Aracaju- se. A escola é composta por: equipe pedagógica, 01 diretora, 01 secretária, 01 coordenadora de ensino. Docentes: 13 professores e 05 funcionários administrativos. Os corredores da escola são apertados, porém suas salas são amplas e estão em bom estado de conservação. No pequeno pátio são servidas as refeições e onde acontecem a recreação. Não possui transporte público disponível ao uso da escola.

Seguindo as normas legais, a escola é inclusiva. São atendidos alunos que não apresentam deficiência e alunos deficientes, entre eles alguns com síndromes e alunos surdos. Na escola tem sala de recursos e seus alunos são atendidos em horário contrário aos das aulas regulares. Às terças feiras são destinadas ao atendimento de pais, que queiram entender as necessidades dos seus filhos. A professora do AEE, mencionou que dos três (03) alunos surdos matriculados na escola, somente duas alunas, que estão matriculadas no quinto ano (5º), frequentam o AEE, mas de forma irregular, preferem o atendimento da APADA, pois estão em contato direto com a comunidade surda.

Possui um projeto “Mãos Falantes”, um coral composto de alunos surdos e ouvintes. Em 2005 esse projeto contava com a presença de 15 alunos surdos e 15 ouvintes, mas hoje o seu número foi bastante reduzido. Atualmente a escola atende duas alunas surdas no 5º ano e um aluno no 1ª ano (alfabetização).

O 2º ano é regido pela professora com pseudônimo “Amarela”, formada em pedagogia pela Faculdade Pio X, exerce como professora substituta, através de um contrato com a prefeitura em agosto de 2014. Anteriormente a sala era regida por uma outra professora e uma intérprete, ambas contratadas e posteriormente afastadas por vencimento do contrato. No mês de outubro a escola recebeu outra intérprete de LIBRAS.

No ano de 2015, foram matriculados dezenove (19) alunos, mas permanecem 12, entre eles há um aluno surdo (M). Nove (09) alunos leem palavras e dois (02) alunos conseguem ler frases pequenas.

O aluno “M” tem sete (07) anos, filho de pais ouvintes, não sabe LIBRAS, se comunica através de gestos estabelecidos pela família, não participa das aulas do AEE, na escola, encontra muita dificuldade em manter a comunicação com os colegas e professora. A intérprete atual buscou informações para trabalhar com “M” e algumas estagiárias comentaram que *“ele balançava a cabeça de um lado para outro, como se estivesse ouvindo música e que durante as provas, para que ele respondesse, a primeira intérprete, indicava a resposta para que ele marcasse a resposta correta”*.

A professora não sabe trabalhar com o aluno “M”, não há comunicação, um não entende o outro, se a intérprete não estiver em sala, esse aluno fica sentado e não participa das atividades e não consegue entender o que acontece a sua volta.

A aprendizagem para essa criança acontece de forma diferenciada, enquanto as aulas são ministradas para os outros alunos, a intérprete tenta passar o que está acontecendo na sala de aula, com muita dificuldade, pois como já mencionado, o aluno não sabe LIBRAS, o acompanhamento com a atual intérprete é recente, dois meses aproximadamente, então aos poucos a intérprete vai passando alguns sinais em LIBRAS e gradativamente ele está aprendendo. E é dessa forma que a aula acontece todos os dias.

O discente “M” é muito organizado e cuidadoso com seu material, interessa-se mais pela matemática, que pelo português. Tem uma boa caligrafia, mas não sabe ler.

Na parede da sala existem muitos cartazes, uma estante com livros e jogos que as crianças têm acesso. Foi percebido que as crianças manipulam os jogos, os livros parecem não despertam muito interesse. O livro didático trabalhado na sala, faz parte da coleção Alfa e Beta, disponibilizado pela prefeitura.

Em uma das aulas presenciadas durante a pesquisa pude observar que estava acontecendo um ensaio para a festa de São João, a professora utilizou como recurso, uma TV e um DVD, a música era Novo Tempo de Ivan Lins, interpretada

pelo Pe. Fábio de Melo. Durante o ensaio o aluno surdo, ficou sentado sem participar e no final do ano letivo ele apresentou, mas só para acompanhar a turma.

Em outra aula observada, a professora fez uma roda de leitura, utilizando mini livros da coleção Alfa e Beto, no primeiro momento ela fez a leitura do livreto, logo após fez perguntas sobre a história, posteriormente pediu para que os alunos lessem trechos do texto e o aluno “M” digitalizou algumas palavras em LIBRAS.

As Contações de Histórias

Para o processo de contações de histórias, a metodologia foi dividida em três encontros com técnicas e histórias distintas. A primeira contação desenvolveu-se alicerçada no conto popular “A nuvenzinha triste” que narra o drama vivido por uma pequena nuvem por não saber seu verdadeiro sentido de existir, assume outras identidades para descobrir seu verdadeiro valor, nos momentos foi utilizada a técnica de fantoches com varetas confeccionados com E.V.A e palitos de churrasco, um painel com o nome da história feito com T.N.T e E.V.A, e um tapete. Como recurso para avaliar a compreensão do texto foi utilizado massa de modelar. Para registrar o momento, utilizamos uma filmadora e uma máquina fotográfica.

O momento separado para as contações aconteceram sempre após o recreio, momento estratégico para organizar a sala, já que as mesmas encontravam-se ausentes da sala de aula. Ao adentrar na sala de aula, o aluno observado mostrou muita curiosidade, semelhante aos demais presentes. O aluno ficou posicionado em local adequado para sua melhor compreensão.

Na hora do conto, o aluno assistia atentamente, mas em alguns momentos dispersava-se, como mencionado anteriormente o aluno não sabe LIBRAS, então a história foi transmitida de forma oral ao mesmo tempo que fazia-se o uso de recursos visuais e gestos, porém alguns gestos escapavam-lhes a compreensão. Em um contexto geral os outros alunos sentiram-se confortáveis. Durante a atividade proposta para avaliar a compreensão da história, pedimos para que o aluno sequenciasse a história da forma que fora contada utilizando massa de modelar, notou-se que o aluno lembrou com nitidez dos personagens, mostrou-se muito interesse em compor seus personagens que possuía maior afinidade.

Para a segunda contação utilizou-se a história do livro “De bem com a vida” autora Nye Ribeiro, Editora do Brasil. Como técnica, utilizou-se o flanelógrafo, confeccionado com base de MDF e feltro, os personagens e cenários para a história foram confeccionados com feltro e para avaliação da compreensão textual, confeccionou-se mini livros.

No momento da contação o aluno observava atentamente, mostrava-se sempre mais interesse na história em relação aos ouvintes, quando não entendia algum movimento/ gesto, buscava resposta com a interprete. Porém essa técnica revelou-se inadequada, devido ao apego que se há do contador de história com o material utilizado, as peças de médio porte, dificultaram a visualização do material, apesar do aluno estar em local privilegiado, em comparação ao recurso anterior, o apelo visual foi menor.

Durante a oficina o aluno pintou sua cartela de personagens, colocou e montou seu mine livro segundo o seguimento da história, mostrou muito gosto em participar da atividade e cuidado em deixar seus personagens próximos ao ilustrado no flanelógrafo.

A história para a terceira contação foi extraída do livro “O jacarezinho egoísta” de Chloris Arruda de Araújo, Editora do Brasil. Uma maquete foi produzida para dar vida a história, através de uma simples caixa, feltro, E.V.A. Para essa contação foram utilizados um cenário confeccionados com TNT e um tapete.

Pediu-se para que os alunos sentassem ao redor do tapete, o aluno objeto do estudo sentou-se em local adequado à visualização, logo manteve-se em todo tempo em contato visual com os objetos, movimentos que compuseram a trama da história. Esse material e a aproximação, favoreceram um entendimento maior com a história, foi notória a admiração do aluno. A cada olhar de dúvida, buscava-se outros gestos para que ficasse claro e atingíssemos o objetivo proposto. Em contra partida, os alunos ouvintes mostravam-se inquietos pela insistência em tornar claro cada detalhe da história.

Para o momento *feedback*, utilizou-se máscaras dos personagens para que os alunos recontassem a história. Quando anunciou-se que seriam separados alguns alunos para esse momento, o aluno surdo logo pediu que ele ficasse com a máscara do jacaré, personagem principal da história. Foi um momento mágico ao ver como o aluno estava tão entusiasmado para participar desse momento e como entendeu a história ao ponto de escolher o personagem de destaque, contracenando com uma expressividade marcante e com desembaraço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a importância de inserir no processo de alfabetização de alunos surdos a contação de histórias, como uma

ferramenta capaz de facilitar o processo de construção do conhecimento.

Durante a realização das três práticas de contação e das oficinas, percebeu-se o quanto o aluno acabou se envolvendo e participando do processo, sendo um agente ativo, já que a linguagem utilizada e o foco das ações estavam voltados para ele. Essa conclusão, referente ao retorno de aprendizagem do aluno, pode ser observada durante as realizações das oficinas que eram praticadas após a contação, pois o mesmo, conseguia contar a história na íntegra, através dos desenhos, construção do mini livro e dramatização, e outros instrumentos que eram utilizados após cada contação.

Um outro ponto interessante observado durante esse processo, é que os alunos ouvintes, no início da prática, sentiram-se um pouco incomodados, pois, como as histórias eram narradas no intuito da compreensão do aluno surdo, muitos sentiam-se deslocados durante as narrativas, e apresentaram algumas dificuldades durante a realização das oficinas.

Portanto, podemos concluir que a contação de histórias é um instrumento eficaz de inclusão, possibilitando aos alunos surdos uma inserção no fantástico mundo da imaginação, criando inúmeras possibilidades no processo de alfabetização e aquisição de conhecimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASSIANO, Adriana Aparecida. **O prazer de ler: o incentivo da leitura na educação infantil**. 2009, Londrina. Disponível em: <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ADRIANA%20APARECIDA%20CASSIANO.pdf>. Acesso em 14 de abril 2014.

CHAVES, Otilia O. 1963. **A arte de contar histórias**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Confederação Evangélica do Brasil.

COELHO, Maria Betty Silva. 1991. **Contar histórias uma arte sem idade**. 4ª ed. São Paulo. Ática.

DORZIAT, Ana. **Sugestões docentes para melhorar o ensino de surdos**. Cadernos de Pesquisa, n 108, p. 183-198, novembro/1999 ISSN0100-1574. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n108/a08n108.pdf> Acesso em 14 de abril 2014.

FRANTS. Maria Helena Zancan. 2011. **A leitura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1985. São Paulo

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e Trabalhos Científicos**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MARTINS, Sandra Eli Sartoreto de Oliveira. **Formação de leitores surdos e a educação inclusiva**. Marília, p. 1-274, 2005. Disponível em:

http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bma/33004110040P5/2005/martins_seso_dr_mar.pdf Acesso em: 09 abril. 2014.

MEC – Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão – Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. Brasília: MEC – Secretaria de Educação Especial, 2006.

SILVA, E.T. da. **Elementos de Pedagogia da Leitura**. 3. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. Salvador: UFBA, 2007; p. 193. Tese (Doutorado em Educação).

ZIBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola**. 11. ed., São Paulo: Global, 2003.

1 Estudante de Graduação do Curso de Letras Português Francês – Universidade Federal de Sergipe - (daysesamac@bol.com.br)

2 Professora Doutora do Departamento de Educação - Universidade Federal de Sergipe - (veromar@infonet.com.br)

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: